

A religião
na obra do
agnóstico
Machado
de Assis

A revolução
de Bernardo
Guimarães
na pequena
Catalão
de Goiás



A poesia do cerrado

A NOIVA SERTANEJA J. PARGES



A Agricultura e a Mãe Terra

□ Bernardo Élis

No presente texto, Bernardo Élis

incursiona pela história da Agricultura, daí extraindo importantes reflexões para Uma Filosofia Ambiental e Fundiária.

Embora tenha sido o Brasil um país agrícola desde os seus primórdios e o reino vegetal se haja constituído o essencial suporte da sociedade em toda a sua história, mesmo ao tempo da exploração do ouro, somente tardiamente se formaram Institutos ou Escolas especializadas no ensino da Agricultura como ciência ou técnica, pois somente em 1887 criou o Governo Imperial o Instituto Agronômico de Campinas, São Paulo. Mais tarde vieram as grandes escolas de agricultura em Minas Gerais e a Escola Superior de Agricultura Luís de Queiróz, de Piracicaba, já nos albores do presente século. Por fim, na segunda metade deste século, este ensino chegou a Goiás.

Este descaso, talvez, é explicável porque a nossa agricultura sempre foi efetuada, na prática mais exata, pelos seguimentos mais miseráveis e mais atrasados culturalmente de nossa sociedade, isto é, por escravos negros e indígenas recém-emersos ou ainda imersos na idade da pedra polida.

É a agricultura uma das mais velhas atividades da humanidade e talvez caiba a ela a dignificante tarefa de haver humanizado o antropóide de que descendemos. Foi trabalhando a terra e as plantas para criar a agricultura que o antropóide criou o homem ou nele se transformou. É com justeza que escreve Josué de Castro: "A agricultura representa um fato tão importante na evolução econômica dos povos que vêm historiador francês

afirmou constituir a mais admirável descoberta humana depois do fogo". Também os fisiocratas, com Quesnay à frente, viam na agricultura a única atividade criadora de riquezas.

Tão velha quanto a humanidade, durante muitos séculos a agricultura progrediu em passos extremamente lentos. O uso de fertilizantes limitava-se apenas à contribuição do esterco e da marga. Somente há dois séculos, o trabalho da enxada e o uso do arado de tradição milenar foram superados por técnicas agrícolas ligadas ao progresso geral da Economia e da Ciência. O emprego de máquinas agrícolas, as novas descobertas da química agrária e da biologia vegetal abriram uma nova fase à agricultura. As novas descobertas transformaram a agricultura das nações desenvolvidas em uma verdadeira organização industrial, tão complexa quanto a do aço ou do petróleo, aumentando sensivelmente as colheitas. O fenômeno criou fortes desequilíbrios entre os países ainda ligados a antiquadas estruturas agrícolas e os países

industrializados. Para superar tal desequilíbrio — do qual depende em grande parte a solução do problema da fome — foi criado um organismo internacional, Organização para a Alimentação e a Agricultura, de onde se tirou a sigla FAO.

Apesar de todo esse assombroso avanço, observa um geógrafo moderno, Jean Brunhes, que a descoberta de qualquer planta útil ao homem foi feita há mais de dois mil anos. Daí para cá, não se conhece nenhuma nova descoberta, sem embargo dos progressos científicos e sem embargo de que países como o Brasil e outros da África ainda não conheçam a metade das plantas que formam sua flora. É um fato estranho!

Reforma Agrária - um passo decisivo no progresso da agricultura.

No Japão a reforma agrária foi feita pelos Estados Unidos em 1945.

Em vista do crescimento populacional do globo terrestre e ampliação do espírito democrático, a humanidade tem apelado para melhor distribuição de terras entre os homens, realizando REFORMAS AGRÁRIAS, rompendo assim os latifúndios e minifúndios prejudiciais, bem como provocando o aproveitamento de áreas conservadas improdutivas, tais como os mares e os desertos estéreos a exemplo do que tem feito a Rússia e Israel. As primeiras realizações com reforma agrária, nos tempos modernos, deram-se nos Estados Unidos, após a Guerra de Secessão, e na França, com a Revolução Francesa de 1779, de que resultou o aumento de novos proprietários de terras e conseqüentemente maior produção agrícola que além de oferecer crescimento da mão-de-obra, fortaleceu o abastecimento do mercado de alimentos, em que se transformaram as grandes cidades industriais.

Nos tempos mais recentes houve a reforma agrária mexicana e a grande e radical

Em Goiás, a agricultura era medieval. A Coluna Prestes encontrou pouco gênero alimentício em Goiás, como aconteceu com o Exército Nacional em Canudos (1896)

reforma agrária da Rússia e outros países do Leste Europeu, sem esquecer outra importante distribuição de terras na China. Após a última grande guerra houve a reforma agrária japonesa que teve uma característica muito especial: foi feita pela tropa de ocupação norte-americana. A seguir vieram as reformas agrárias da Itália, Espanha, de Cuba e outros países da América Latina, como Chile, Colômbia, Bolívia, etc...

Para brincar, eu digo que sou uma pessoa que vem do século 18, isto é, de 1700. Quando nasci em 1915, Goiás vivia como se estivesse em pleno século 18; nosso nível de desenvolvimento cultural seria igual a Portugal ou Espanha de 1750. No prazo, pois, de uma vida, de minha vida, vivi as transformações que a Europa assistiu pelo prazo de mais de dois séculos. Quando nasci, o arado manual, instrumento agrícola já utilizado pelos egípcios, não era conhecido entre nós; aqui não havia estradas pavimentadas, toda energia ou provinha da força muscular ou da queima da madeira, o único veículo de rodas conhecido era o pesado e moroso carro de bois.

A pecuária valia pelo couro que exportávamos e a agricultura era tão atrasada quanto a dos indígenas, representantes da cultura da pedra polida. A fome era quase permanente, pois a produção agrícola apenas se destinava ao consumo das famílias que geravam tal produção, nada sobrando para o mercado. Por tal forma, quem não tinha roça, como acontecia com alguns padres, alguns juizes e advogados, funcionários públicos, artesãos e soldados — esses passavam grandes necessidades alimentares.

Quando a Coluna Prestes percorreu Goiás, entre 1924-1926, mantinha as chamadas potreadas, que eram patrulhas montadas a cavalo que se estendiam pela frente e pelos flancos da coluna militar principal, numa área de 50 quilômetros, com a finalidade precípua de arrebanhar cavalos que garantissem o transporte da tropa militar, mas que tinha também a missão de arrecadar mantimento para sustento de homens e animais.

Com a escassa produção agrícola de Goiás, o repentino acréscimo de dois mil consumidores, que a tanto subia o número de soldados da Coluna Prestes, difícil se tornava a alimentação de tanta gente, obrigando-se os volantes a tomar à força todo mantimento que pudessem encontrar num raio de 50 léguas em torno da coluna. Assim mesmo, a comida daquela gente era prioritariamente a carne bovina, pois nosso rebanho vacum já era considerável. Também para alcançar Canudos, no sertão baiano, na campanha que o Exército manteve contra o bacato Antônio Conselheiro, à falta de alimento produzido na área de operação militar, viu-se o Governo Federal na contingência de ter que construir uma ferrovia especialmente para abastecimento e apoio logístico da expedição.

Naqueles tempos, a coisa mais difícil era manter as tulhas onde se guardavam o arroz, o feijão, o milho, etc... para sustento das famílias, durante o ano. A partir do terceiro mês depois da colheita começavam a

desenvolver-se nesses produtos as pragas que os danificavam e que no começo da nova safra agrícola já haveriam transformado o mantimento num bagaço sem qualquer valor nutritivo.

Trabalhei numa venda, naquele tempo. A partir de junho, as tulhas tornavam-se fantásticas. Ao abrir a tampa de uma delas, dali saíam milhares de pequenas borboletas brancas que entupiam o ambiente. Tinham sido geradas no arroz. Algum tempo depois, do grão de arroz saía um besouro preto pequeno, dotado de longa tromba que lhe dava ares de tamanduá em miniatura. Nesse momento, o arroz era uma papa impossível de cozinhar. Com o feijão a deterioração era maior. A qualquer humidade os bagos brotavam e se perdiam. Para conservá-los, usava-se misturá-lo com barro vermelho, ou besuntá-lo com gordura de porco ou ainda usar do seguinte processo: forrava-se a tulha com uma camada de areia, sobre a qual se estendia uma camada fina de feijão, para depois deitar outra camada de areia, até o alto do recipiente.

Mesmo assim, brevemente o feijão estava carunchado, gerando dentro de si, de começo um pequeno coró branco que depois se metamorfoseava num besouro minúsculo, redondo e preto, muito voador. Nesse estado o feijão não cozinhava, não engrossava caldo, e por cima ficava uma nata formada dos tais corozinhos brancos ou dos besouros pretos, que a gente tentava catar como era possível, mas esse possível era muito impossível. Comia-se então feijão e besouro.

Também o toucinho não oferecia bom aspecto. Era

atacado por varejeiras e sobre ele se formava uma capa de pequenos corozinhos leitosos em constante movimento. Para se fritar o toucinho, urgia raspá-lo com uma faca e atirar os bichos às galinhas. De bichos semelhantes eram ricos os queijos, as carnes secas e outros alimentos.

Nesses tempos desprovidos de inseticidas, os mosquitos eram uma imensidade. Mal caíam as primeiras chuvas, aqui e ali formavam-se nuvens de mosquitinhos que imitavam um funil, cujo bico estivesse no chão ou numa poça d'água e que se abria para o alto em largos diâmetros. As moscas caseiras também proliferavam terrivelmente. Ainda em 1938 eu fui a uma fazenda em Corumbá, cujo proprietário era rico e eleitor influente na região. Era mês de novembro e a quantidade de moscas caseiras era impressionante. No curral onde estreme verde de bovino batia no meio da canela de um homem, à proporção que a gente avançava na andadura, as moscas voavam como se fossem água se abrindo ao impacto da proa de um barco. O mesmo acontecia dentro de casa, onde mal se podia conversar, pois as moscas entravam pela guela a dentro. À refeição, os pratos já vinham com moscas, e enquanto a gente se servia, novas moscas iam caindo nos alimentos. Uma nojeira! Nem a noite as moscas aqui estavam. Isso motivou o conto drama "Os Insetos".

Aqueles eram os tempos dos insetos. Pulgas, percevejos, piolhos abundavam.

Apesar dos pesares, benditos sejam os inseticidas hoje em dia!

Alguém talvez esteja objetando que comer moscas pode ser menos nocivo à saúde do que ingerir o mundo de defensivos agrícolas que hoje envenenam os produtos alimentares, desde os grãos até os frutos, com es-

cala por legumes e carnes. Pode ser exata a objeção, mas na verdade, naqueles tempos, a população era bem mais doente. A velhice se manifestava aos 40 anos e quase todo mundo tinha macacoa ou defeito qualquer. Haviam os mancões, pernetas, manetas, tortos, corcundas, papudos, caolhos, desdentados, aqueles homens deformados por hérnias ventrais ou escrotais, haviam os ferimentos de toda espécie. As mulheres, coitadas, essas padeciam os mais feios, graves e nocivos males, embrulhadas em panos que ocultavam sua beleza e graça. A água, tão indispensável, era artigo difícil, o que tornava precária a higiene corporal e a higienização das coisas. Uma das maiores descobertas dos ingleses, essa coisa que tanto embelezou e dignificou o ser humano, essa coisa também não existia naquele tempo, se chama privada patente ou privada higiênica. Ah, aquele negócio.

Meu Deus, uma dor de dente! Eram batalhões de pessoas de lenço ou trapo amarrado na cara, chorando de dor de dente. À falta de dentista, de analgésico, de ácido acetil salicílico, deixava-se a infecção dental progredir, inchar até vir a furo ou do lado de dentro da boca ou pelo lado de fora, marcando o rosto com uma cicatriz purulenta. E os morféticos, tuberculosos, desnutridos, verminosos!

Quando menino, vendo os roceiros de Corumbá, Goiás, Pirenópolis, Jaragua, etc., vestidos de modo diferente de nos cidadãos, isto é, um cerondão de algodão cru e uma camisa longa do mesmo pano, alimentando-se até com tanajuras (içãs de formiga cabeçuda) falando numa linguagem deturpada, criei a convicção de que os roceiros não eram gente como os outros. Quando fiquei sabendo que também eles era como nós, eram nossos irmãos, passei a interessar-me pelos mistérios que apresentavam, procurando decifrá-los, principalmente através da literatura então existente sobre eles.

Era difícil chegar a alguma conclusão porque o roceiro, o caipira, o homem rural, ora era enaltecido como verdadeiro herói, por exemplo, Juca Mulato, ora era ridicularizado, como nas obras de Cornélio Pires, Monteiro Lobato e outros. Fora daí, toda a literatura passada fora das cidades apoiava-se na vida dos proprietários de terra e de escravos, gente rica, poderosa e que vivia como a nobreza



**Até 1950 comia-se
mais caruncho do
que feijão e
arroz**

O roceiro, o caipira, seria gente?

européia, a quem copiava. Pouco a pouco, porém, sobretudo depois do modernismo e do aparecimento de certa literatura de cunho socialista, passei a ter uma compreensão justa do nosso roceiro e daí surgiram alguns trabalhos literários meus, nos quais procurava situá-los como centro de minhas cogitações humanistas.

Dentre as minhas produções literárias poderia destacar o conto "A ENXADA", bastante divulgado, onde, debaixo do manto da fantasia, abordam-se aspectos mais importantes que a agronomia pode anotar, no mundo rural goiano e brasileiro. Plano, a figura principal, é o tipo do homem destruído pelas perversas condições da agricultura nacional. Totalmente desinstruído, sem qualquer assistência técnica agrônômica ou social e espiritual — é apenas pasto fácil para as moléstias e para a exploração dos donos de terra. A sua degradação já atinge a própria espécie humana, pois o filho é um ser degenerado e inutilizado pelas mazelas genéticas, as quais nenhuma assistência médica ou de qualquer outra natureza tenta, pelo menos, minimizar. A mãe desse idiota era uma pessoa válida que se tornou parálitica por força de um parto mal-sucedido e que desempenha o papel de cozinheira, dona-de-casa, lavadeira de roupa e realiza outros afazeres se arrastando pelo chão como um bicho aleijado. Quando muito, o filho bobó a coloca nos ombros e faz sua locomoção para lugares mais distantes.

É uma denúncia de que as péssimas condições de vida estão fazendo do brasileiro uma raça de sub-homens incapazes de promover o progresso da Nação que, desgraçadamente, vive do precaríssimo trabalho desses miseráveis. São aleijados, doentes, ignorantes que conhecem apenas um instrumento de trabalho que é a enxada. Aí a ENXADA se transfigura na base de uma civilização e de uma cultura



marcadas pela doença, pela miséria e pela ignorância.

Quase toda a minha literatura está vazada nesse tom. As péssimas condições de vida atingem igualmente os donos de terra, os grandes fazendeiros que, queiram ou não, participam das mazelas gerais reinantes.

Podem parecer a alguém que eu esteja misturando alhos com bugalhos, e tratando questões políticas ou eminentemente sociais como se pertencessem à área da Agronomia. Não. Não há confusão. Embora a solução dos problemas compones caiba em grande parte às decisões de ordem política, ao AGRÔNOMO entretanto compete um papel de enorme relevância, talvez maior do que aquele que cabe aos políticos, pois que é o engenheiro agrônomo que terá de tornar vitoriosas ou transformar em realidade os planos de cunho político-social. Infelizmente a meta única do lucro pessoal e egoístico ligado à ambição da propriedade privada da terra tende a fazer dos avanços técnicos armas perigosas manobristas pelo poder que se pretende destruir. Entretanto, nos países socialistas, em que dizíamos nós não havia a exploração do homem pelo homem, esses males igualmente tiveram vigência.

Se a cultura da enxada (para usar a metáfora antes referida) levou à devastação da terra pela formação de capoeiras e vossorocas, máquinas agrícolas modernas

que penetram fundo à terra, provocam erosões devastadoras e irrecuperáveis. Habitantes que somos do planalto sul-americano, estamos destruindo nossa camada de solo orgânico e fazendo-a carregar pelos

Venham poluir Goiás" - sinistro "slogan" vigente há pouco

rios que correm para os países vizinhos, aumentando agora com maior velocidade a planície que a geogenia ali construiu através dos tempos. Igual processo ocorre nos rios da Bacia Amazônica que construíram com detritos dos planaltos andinos e brasileiro a maioria das ilhas do Caribe, de proverbial fertilidade.

E que dizer dos agrotóxicos que o eufemismo industrial abrandou para defensivos agrícolas que usados inexcrupulosamente com apoio da ignorância e da má-fé, sem orientação técnica a a g r o n ô m i c a , transformam-se no maior inimigo das plantas, da terra e do homem! É de ontem ainda o processo de desertificação instalado em Goiás, na região ou nas regiões mais ricas de vegetação natural, com base na irresponsabilidade de agricultores ambiciosos que a troca de lucros atuais inutilizam a terra para as gerações vindouras. E temos ainda as nossas florestas ou seja o revestimento florístico de nosso solo tratado impiedosamente por brutais processos de desmatamento que estão nos levando à criação de desertos irrecuperáveis.

É de ontem o **slogan** posto em uso por certo Governo passado que dizia: "Venham poluir Goiás".

Foi à época que poderosos tratores atrelados por fortíssima corrente, percorriam os cerrados deitando por terra toda a vida arbórea ali existente.

Hoje a produção agrícola de Goiás se mostra diferente, para melhor. Nossa produção agropecuária é uma das mais expressivas do País.

Entretanto, temos que reconhecer que Goiás, como grande parte do Brasil, país do latifúndio, das imensas propriedades agrárias pessimamente aproveitadas, usando métodos de trabalho inadequados, com inexistência de uma estrutura econômica capaz de desenvolver a produção de alimentos e outros oriundos da terra, a exemplo da agricultura americana. Assim, o maior País do mundo com terras agricultáveis, não sendo muito populoso, tem uma produção agrícola que não dá para alimentar seus filhos, grande parte dos quais morre de fome. Há algo (senão tudo) errado!

Foi preciso essa exposição, feita algumas vezes de forma dramática ou caricatural, para que eu transmitisse a minha mensagem. Tenho a maior confiança no saber humano e creio firmemente que só somos curiosos na medida de nossa instrução, como afirmam alguns estudiosos. Em verdade. Um burro não tem capacidade para admirar um pá-lácio. E por falar em burro, lembramo-nos de Sir Isaac Newton, o grande sábio inglês, da segunda metade do 1600.

Certa tarde de outono, estava Sir Isaac Newton tran-

quilamente descansando debaixo de um pé de maçã, perdido nas suas elocubrações concernentes ao movimento dos astros pelo firmamento. De repente, como acontecia desde que existem macieiras carregadas e desde que o mundo é mundo, uma fruta madura soltou-se de seu engão e caiu na preocupada cabeça do sábio. Sir Isaac Newton se abaixou, tomou a maçã e lhe deu uma prosaica dentada, sem antes limpá-la na manga do casaco, como lhe ensinaram na infância...

Aí uma interrogação nasceu na cabeça do sábio. Indagava ele de si mesmo por que motivo a maçã caiu para baixo, para o chão, em vez de cair para o alto, para o céu?

Desde que o mundo era mundo foi a primeira vez que semelhante interrogação surgiu na cabeça de um homem e mais parecia pergunta de um idiota, pois nunca se viu qualquer coisa cair a não ser para baixo. Mas longe de ser uma pergunta idiota, essa foi uma das perguntas mais inteligentes surgidas no cérebro de um ser humano.

A partir dessa indagação, Sir Isaac Newton descobriu a lei da gravidade e da gravitação universal que mantém o equilíbrio dos astros no Universo e que permitiu ao homem chegar à Lua e enviar naves espaciais pelo infinito cósmico. A curiosidade do sábio era produto de uma instrução superior a de todos seus semelhantes.

Todo momento é decisivo para a humanidade. Mas inegavelmente vivemos um momento de graves redefinições e de redirecionamento do destino do homem na face da Terra e no Cosmos, onde já vamos penetrando. O mundo socialista que tantas esperanças criou na humanidade e que de maneira tão decisiva contribuiu para que hoje tenhamos mais liberdade e maior entendimento das nossas capacidades e limitações — o mundo socialista fracassou em sua organização.

A chave principal de fazer da terra uma mesa de refeição em que todos tenham lugar ou que nela apenas os poderosos e favorecidos da sorte possam assentar-se, como previa Tomás Roberto Maltens.

□ Bernardo Élis é contista, romancista e membro da Academia Brasileira de Letras.

Endereço para correspondência: Rua C-237/nº 189 — Jardim América — Goiânia-GO.

A obra literária de Bernardo Élis combate o atraso, especialmente da agricultura